

A PROFESSORA, SUAS MEMÓRIAS E CONCEPÇÕES MUSICAIS E A RELAÇÃO DESTAS COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA INFÂNCIA¹

Luana Barbosa Preto²

O presente trabalho tem por objetivo, registrar e analisar as respostas de uma entrevista feita para uma professora em relação a sua história de vida, suas memórias e narrativas e como a mesma se utiliza desta riqueza da experiência para oportunizar em sala de aula da infância, a linguagem musical como conhecimento e linguagem. Como estudante busquei entender o lugar de fala da professora, sua formação, seus gostos musicais e os acontecimentos em seu cotidiano na escola, a introdução da música. Para isso, analisei algumas práticas educativas em sala de aula, como método para compreender este trabalho. Buscando, assim, analisar, refletir e discutir a importância de introduzir as práticas musicais na infância e refletir o uso das manifestações musicais, a partir desta prática nos anos iniciais, no âmbito escolar. Por meio da realização desta prática pedagógica, buscar refletir os elementos constituintes da ação transformadora na formação de professores e a como reflete dentro da sala de aula. Dessa forma, procurar compreender a importância da música, como um todo em nossas vidas, como linguagem essencial para o desenvolvimento dos sujeitos.

O momento que vivemos é, de vários pontos de vista, único. Único, porém, não só pelas limitações que imprimem mal-estar em decorrência de estado de “desperspectiva” para a educação em geral, artística e musical em particular. Único também não apenas pelo incômodo profundo causado àqueles que têm convicção – originada por anos de trabalho, reflexão e experiência – de que a música é mais, muito mais de que um simples luxo ou prazer “desnecessário”. Mas único, ainda, porque acreditamos que “música” representa tanto uma dimensão sensível fundamental do ser humano quanto um importante patamar, onde não meramente se assenta, mas sobre o qual se desenvolve uma legítima cultura (KATER apud FERREIRA, 2001, p. 79).

A escola deve proporcionar a experimentação de diversas linguagens e saberes expressivos. Devemos pensar o som, não apenas como uma manifestação artística universal de comunicação que foi construído ao longo dos anos, mas também compreender que existe um universo sonoro que nos envolve, que vai além da linguagem. A musicalização infantil desse

¹ Relato de experiência realizado a partir de uma prática desenvolvida em uma escola pública de Ijuí/RS por meio do componente curricular Linguagem Musical ofertada pelo curso de Pedagogia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUI.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI, subprojeto Pedagogia, luanabpreto@hotmail.com

modo constitui parte de um processo de representação, no qual a criança se comunica, exprime seus sentimentos, pensamentos, reproduz e reconhece os sons a sua volta.

Reconhecendo a importância desta musicalização, como docentes em formação, precisamos buscar o olhar sensível, mediando a trajetória da criança no seu universo cultural, reconhecendo e reproduzindo os sons que estão presente em seu mundo, e oferecendo o ambiente necessário para a criação. É necessário levar as professoras a pensarem sobre outra perspectiva, que foge de um padrão “hegemônico, conceitual e perfeito”, que facilmente encontramos em escolas de educação infantil e ensino fundamental. Infelizmente, quanto mais avançada a criança se encontra dentro dos anos escolares, mais os docentes as distanciam da música. Segundo Granja (2006, p. 15-16),

Na atual configuração curricular da escola, a música está longe de ocupar um lugar de destaque. Ainda que esteja presente em parte das atividades de interação e/ou em atividades lúdicas nas séries iniciais da educação, à medida que as séries avançam, a música vai perdendo espaço dentro do currículo para disciplinas mais tradicionais como matemática, língua portuguesa, biologia, etc.

As reflexões principais se encontram em: como um(a) professor(a) que não desenvolveu sua musicalização desde a infância pode proporcionar meios para seus estudantes o fazerem? E ainda, o ensino musical dentro do currículo da escola seria ideal, mas entendemos que muitas escolas estão longe deste caminho. Como poderia o professor não especializado difundir este mundo musical na educação? Tendo o professor como mediador do processo de aprendizagem que se inicia na educação infantil, é a partir dele que as possibilidades se abrem, se constroem e se realizam.

Buscar entender a concepção da professora, com a qual desenvolvi a prática, sobre a introdução musical na sala de aula é um grande objetivo, a sua compreensão da importância, as práticas que ela efetua e a inter-relação triádica entre ela, as crianças e a música, as dificuldades que encontra, e sua relação pessoal com a música, com a arte, com as brincadeiras, sua constituição da musicalização própria. Entender esta relação pessoal com a música e como ela traz isto a seus alunos, é fundamental para entender porque alguns professores têm tanta dificuldade para introduzir a música aos alunos, enquanto outros possuem uma naturalidade quase instintiva.

Esta prática foi realizada a partir de uma proposta pedagógica, através das orientações da professora Rosane Nunes Becker, na disciplina de Linguagem Musical, no curso de Pedagogia – licenciatura na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/ UNIJUI, que possibilitou vivências escolares e a busca por saberes a partir de uma entrevista efetuada com uma professora que leciona em uma turma do ensino fundamental, 1º

e 2º anos multisseriada. Na cidade de Ijuí/RS. As perguntas desenvolvidas para a entrevista tiveram como base referências bibliográficas sobre o ensino não especializado em música e tinham como princípio conhecer a professora e sua prática de diversas maneiras. Entender a vivência pessoal com a música dos docentes nos faz pensar a relação que eles possuem com a música e o seu repertório com base em sua história. Um professor que não brincou, não cantou na infância, habitualmente não desenvolve a sua própria musicalização. Facilmente reconhecemos estes sinais nos docentes, quando perguntamos sobre sua relação com a música na sala de aula e eles não demonstram habilidades e/ou naturalidade, a relação com sua própria infância e processo de musicalização se torna evidente.

É essencialmente humano ser ao mesmo tempo um herdeiro – parte de uma cultura- e um inovador, trabalhando criativamente dentro ou contra a tradição. Cada um de nós é moldado pela sociedade na qual se encontra, mas também damos forma à cultura por meio de ações individuais. Somos capazes de interagir com o mundo precisamente porque utilizamos formas simbólicas como linguagem, matemática, artes e música (SWANWICK apud FERREIRA, 2001, p. 83).

Quando a professora entrevistada foi questionada sobre suas vivências, da infância e atuais, com a música, demonstrou conhecimento dos gêneros musicais, além de uma variedade de músicas, tanto antigas como atuais; descreveu com detalhes as cantigas de roda com a qual brincava; detalhou suas brincadeiras, tanto em grupo como individualmente; relatou seu gosto por cantar, por ouvir música diariamente, apreciando assim diversos ritmos e gêneros.

O ser humano cria sua identidade cultural através de suas experimentações, vivências, tradições e a atualidade. Durante toda a vida é necessário se permitir a experimentação musical, mas na infância o processo ocorre mais naturalmente. Intuitivamente inicia-se o processo através da percepção dos sons a sua volta, do fascínio até as tentativas de imitação, construindo significados afetivos com os sons que conhece e reconhece.

Na escola, a música desempenha diversos papéis fundamentais, sendo ela trabalhada com um professor especializado ou um professor não especializado. Quando conhecemos a rotina musical de uma escola, é comum notar estereótipos, como a música em datas comemorativas, ou desempenhando um papel para reforçar hábitos, como escovar os dentes, lavar as mãos, guardar os brinquedos, etc.

Com relação às atividades musicais, parece que os avanços da psicologia e do desenvolvimento infantil não conseguem modificar a prática docente. As regularidades observadas diariamente são incorporadas como absolutamente normais, enquanto os conhecimentos novos são ignorados e rejeitados pelo pensamento habitual (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 125).

Não podemos negar, contudo que existem professores que seguem uma rotina diferenciada, buscando a melhor experiência musical possível, sem ter e/ou conhecer muitas ferramentas de ensino para a música. A professora entrevistada mostrou-se ser este professor que, apesar das dificuldades e limitações que uma escola pública estadual possui, torna possível o aproveitamento da música dentro da sala de aula. Questionada sobre os momentos em que a música se fazia presente em seu planejamento, a professora responde que as músicas, assim como outras formas de arte, como pinturas, estão intrínsecas no planejamento e nos conteúdos. A professora descreve uma das atividades, na qual o tema tratado era sobre a identidade de cada um, sua certidão de nascimento, ela utilizou a música “Gente tem sobrenome” (PECCI FILHO, 1987), relacionando, assim, a canção ao conceito trabalhado.

No Brasil, no ano de 1996, a arte se tornou um componente curricular obrigatório através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) e uma metodologia comum entre as professoras é utilizar de práticas interdisciplinares promovendo relações entre as poesias das canções com o português, o fenômeno acústico com a ciência e até mesmo o próprio conteúdo da letra para trabalhar algum assunto, como por exemplo, o conteúdo Abelhas, onde utilizasse uma música que fale sobre abelhas. A música pode auxiliar nas aprendizagens, tornando os conceitos mais agradáveis e atrativos. Wallon (apud NASCIMENTO, 2004, p. 54) afirma que “[...] as sensações auditivas, visuais ou táteis, que começam a se constituir, despertam relações afetivas.”.

O estudo dessa temática trouxe muitas compreensões a respeito da música como um princípio para a formação do sujeito. E assim um elemento essencial para a formação de professores, nas quais as práticas com música não possui tanto enfoque quanto outras. Nesse sentido, apresento o trabalho desenvolvido de acordo com a temática aqui tratada. Como educadores precisamos ampliar nossos olhares e pensar constantemente sobre nossa prática transformadora que constituiu sujeitos. Pensar nos seres humanos como potenciais criativos, argumentativos, reflexivos, afetivos através do uso da música.

A música, como objeto de conhecimento, tem conteúdos específicos e precisa fazer parte dos currículos da infância, pois desde 1996, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) no Brasil o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, será obrigatório para a educação básica e, nesta perspectiva, constituirão o componente curricular, cujas linguagens serão: as artes visuais, a dança, a música e o teatro.

É primordial entendermos a criança no seu experimentar, criar, que atribui significado, percepções e vivências. As crianças esperam ansiosamente por oportunidades de

experimentação e os educadores tem missão de abrir esse leque construtivo de possibilidades, valorizando suas experiências como fonte de conhecimento.

Pesquisadores e estudiosos vêm traçando paralelos entre o desenvolvimento infantil e o exercício da expressão musical, resultando em propostas que respeitem o modo de perceber, sentir e pensar, em cada fase, e contribuindo para que a construção do conhecimento dessa linguagem ocorra de modo significativo (BRASIL, 1998, p. 48).

Repensar o lugar que a música está inserida no cotidiano da escola passa a ser determinante no que queremos desenvolver com as crianças na medida em que a arte disponibilizada no âmbito escolar é trabalhada apenas para “marcar a hora do lanche” ou de “lavar as mãos”, a brincadeira direcionada, cheia de significados ocultos, pecando na naturalidade de criação, são exemplos que vão contra a ideia de uma docência responsável e pensada na criação e no desenvolvimento expressivo, afetivo, intelectual, social e cultural das crianças.

Por serem basicamente os mesmos, os estereótipos de tão reproduzidos, multiplicados e utilizados, se tornaram largamente difundidos e aceitos, constituindo-se já em uma espécie de estereótipos mentais, isto é, os clichês estão armazenados nas gavetas de nosso cérebro e basta querermos para que nossas mãos consigam, sem muito esforço, representá-los (VIANNA, 2012, s/p.).

Como professoras se faz necessário “fugir” do fácil, do cômodo. Buscar repensar e refletir, sobre nossas práticas e metodologia usadas são de suma importância. Compreender que a música como linguagem e forma de conhecimento e, principalmente, exercitar a nossa musicalização como sujeitos que somos para assim aprimorar a nossa docência e possibilitar esta vivência a nossos alunos, crianças, sujeitos da aprendizagem.

A experiência proporcionada com esta atividade, entrevistando a professora e conhecendo suas práticas, estudando e refletindo sobre elas, trouxe a mim um mundo, que como educadora em formação, me fez refletir sobre. Não podemos desacreditar no poder da marca que a música produz em uma criança, ajudando assim a desenvolver sua criatividade, sua expressão, sua criação, sua reflexão. A individualidade dos sujeitos, suas vivências, sua herança cultural, é poderosa e não podemos privar a nós e as crianças qualidades diversificadas de músicas.

Palavras-chave: Linguagem Musical; Educação; Formação Docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2017

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 05 nov. 2017.

CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva Kaercher. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

KATER, Carlos. Música e Musicalidade, Percursos em Suas Fronteiras. In: FERREIRA, Sueli (org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.

GRANJA, Carlos. **Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação**. São Paulo: Escrituras, 2006.

NASCIMENTO, Maria. A criança concreta, completa e contextualizada: a psicologia de Henri Wallon. In: MONTOYA, Adrián; SHIRAHIGE, Elena; JUSTO, José; CARRARA, Kester. (org). **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

PECCI FILHO, Antônio (Toquinho). ANDREATO, Elifas. **Gente tem sobrenome**. 1987. Disponível em: <<https://m.som13.com.br/toquinho/gente-tem-sobrenome-toquinho-e-elifas-andreato>> Acesso em: 05 nov. 2017.

SWANWICK, Keith. Permanecendo fiel à música na educação musical. FERREIRA, Sueli (org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. **Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?**, 2012. Disponível em: <[HTTPS://docgo.org/desenhos-estereotipados-doc](https://docgo.org/desenhos-estereotipados-doc)> Acesso em: 04 nov. 2017.